
Confronto: necessidade de modernização tecnológica e gestão das indústrias de confecção em Londrina

José Barreira*

RESUMO

Mão-de-obra “qualificada” fora dos países centrais. A América Latina representa perto de 1% nas exportações de roupas para o mercado internacional, embora haja uma crescente participação dos países da América Central como fornecedores para o mercado dos Estados Unidos da América. Os trabalhadores da Guatemala, de Honduras, do México são os mais desejados. As limitações na formação e qualificação da mão-de-obra neste ramo carregam uma herança histórica impressa numa antiga prática do “putting-out” na Inglaterra ou verlag na Alemanha do século XVI: qual seja a nossa contemporânea instituição denominada de facção, uma divisão técnica do trabalho realizado fora dos muros dos mais variados tipos de manufaturas, ou seja, tarefas encaminhadas para serem feitas fora da grande unidade fabril, e também fora do país. Ao refazer o perfil de sua atuação local, o SENAI pode estar interpretando a manifestação de uma possível divisão espacial do trabalho com forte presença dos ramos têxtil e de confecção no Norte e Noroeste do estado. A precisão das suas escalas possibilita uma reprodução uniforme dos modelos em quaisquer dos tamanhos requeridos pelo mercado de uma referida fábrica.

PALAVRAS-CHAVES: Sub-contratação de mão de obra, formação de mão-de-obra.

INTRODUÇÃO

A produção em grande escala para atender o consumo massivo ou padronizado é cada vez menos expressiva no ramo da indústria de confecção nos países industrializados. O próprio conceito de moda, agora levado às últimas conseqüências nesse contexto, não é mais capaz de amparar a massificação do consumo, nisto os interesses crescentes por estilos ou desenhos já estão superando as opções por roupas em função do preço, ou seja, a escolha em função preço é cada vez menos importante. A produção de roupa por lote é crescente, que combina com a realidade da moda, e está se aperfeiçoando de modo a poder atender aos novos requisitos sociais e culturais. Também, em conseqüência disto, as plantas industriais menores vão se tornando mais presentes, uma vez que se ajustam aos processos de produção e de trabalho flexíveis, acentuando mais ainda a baixa composição orgânica do capital, que é uma das

características não apenas desse ramo, como das pequenas empresas em geral.

Em termos de tecnologia quando se tornou possível, quase que instantaneamente, evoluir de um design original para definição detalhada do plano de corte de todos os seus tamanhos de fabricação, viabilizaram-se formas de organização da produção flexíveis em bases de ‘respostas rápidas’ a mudanças nos padrões da demanda. Muitas firmas (...) como o caso Benetton – passaram a concentrar suas atividades nas etapas mais nobres, de alto valor adicionado, subcontratando firmas menores para realizar as etapas mais intensivas em trabalho, estão crescentemente associadas a parcelas menores de valor adicionado¹, como costura, pregar botões e zíper, por exemplo. Nesse caso, a incorporação tecnológica no ramo de confecções representa pouca expressão em termos massivos, poucas indústrias aí dispõem de dispositivos microeletrônicos de automação para reduzir tanto os desperdícios de matérias-primas nos cortes como

* Professor Adjunto na Universidade Estadual de Londrina. E-mail: barreira@geo.uel.br

no tempo de reprodução das peças, dos modelos. O tingimento e acabamento dos tecidos nas malharias foram beneficiados também pelas novas tecnologias baseadas na microeletrônica.

1. A MÃO-DE-OBRA “QUALIFICADA” FORA DOS PAÍSES CENTRAIS

Contudo, no ramo de confecções, há uma distância considerável entre algumas das fases no processo de fabricação de roupas, como por exemplo entre corte, costura e montagem das peças, por exemplo. O que se verifica atualmente na indústria de confecções nos países industrializados é a intensificação da transferência da fase braçal (costura) do processo de trabalho para países onde os níveis salariais são infinitamente menores, sob o regime de subcontrato onde se estabelecem quantidades, qualidade, cor, durabilidade. Com exceção da tarefa de costura, todas as demais fases como *design, corte, acabamento e marketing* são mantidos centralizados nos países sedes dessas grifes (internacionais). Incorpora-se aqui também os valores agregados mais expressivos do ponto de vista tributário, acrescentando mais um fator à formação das desigualdades nas trocas internacionais.

Pelo lado da distribuição mundial, os países pobres como Indonésia, Jamaica, Paquistão e Bangladesh compõem o grupo de países que mais cresceram em termos de exportações também de vestuários, exatamente onde os salários são os mais baixos do mundo, o que torna menor o custo do trabalho, transformando esta situação num instrumento de política industrial e de exportações, pelo que isto representa de vantagens na competitividade industrial em termos mundiais. Desse modo, internacionalmente, parte das fases de produção está cada vez mais se deslocando dos países centrais para os países da periferia como nos países da Europa Oriental e da Ásia, como na China (salário de US\$5 mensais por uma jornada de 12 horas diárias) em Hong-Kong, Singapura, Taiwan; no Norte da África (Marrocos, Argélia, Tunísia) e ainda na Jamaica, Brasil e etc.. A América Latina representa perto de 1% nas exportações de roupas para o mercado internacional, embora haja uma crescente participação dos países da América Central como

fornecedores para o mercado dos Estados Unidos da América. Observemos o conteúdo da entrevista a seguir realizada nos estúdios da CBS na Califórnia (EUA):

Um repórter da CBS (tv), em meados de 1996, entrevista David Plummers, um fabricante de Los Angeles contratado por etiquetas como ANNE CLEIN e J.CREW. Este introduz que a costura que aquele utiliza é *feita por empresas subcontratadas, as quais empregam 500 trabalhadores, mas existem cerca de 200 mil trabalhando nestas condições na Califórnia*. O mesmo acrescenta que linha e agulha são uma atividade de terceiro mundo.

- Plummers: *São todos imigrantes. Ninguém que tenha nascido na América sabe fazer este trabalho. É um trabalho muito difícil e entediante e as pessoas que o fazem são as que precisam muito do emprego.*
- Repórter: *O que procura?*
- Plummers: *Eu procuro o trabalho consciente. O Oriente era um paraíso. Era maravilhoso. Eu tentei o Egito, a Turquia e outros lugares: Bangladesh, Paquistão.*
- Repórter: *O melhor trabalhador depois do oriental?*
- Plummers: *Os latinos-americanos. Não os brancos espanhóis, mas os com sangue índio. Os trabalhadores da Guatemala, de Honduras, do México são fantásticos. Hoje (...) não precisa sair de casa para encontrá-los. Hoje é possível fabricar roupas na Califórnia e tem funcionado bem.*
- Repórter: *Mas funciona por usar mão-de-obra de terceiro mundo.*
- Plummers: Exatamente assim². (Destques nossos)

Numa outra reportagem apresentada em outubro de 1996 pela tv americana, foi anunciado que cerca de 50% da produção de roupas nos EUA é irregular por uma série de razões, mas a principal é pelo uso³ de mão-de-obra escrava. Esta situação é posta pelo aproveitamento de tailandeses, coreanos, chineses e outros grupos que entraram ilegalmente no país. Tanto em Nova Iorque quanto na Califórnia estes fatos se repetem com maior intensidade. Fato semelhante vem ocorrendo em Buenos Aires, envolvendo operários coreanos, bolivianos e brasileiros. Até este momento, no Brasil não temos conhecimento

nem pela literatura e nem empiricamente de quaisquer registros desta natureza.

Para este trabalho, tais fatos têm apenas dois significados: primeiro porque se trata de dumping social, os quais representam pequenas amostras da concorrência desleal que afeta atualmente a indústria da confecção brasileira e, o segundo, para situar os problemas que cercam não apenas a qualificação da mão-de-obra utilizada por este ramo industrial, mas também a essência da moda mundial: quem e onde se cria a moda; quem, onde e como a mesma se realiza e quem consome roupas prontas.

2. O CENÁRIO LOCAL

A moda italiana está há tempo bem presente no costume ocidental e brasileiro através de camisas, calças sociais e gravatas; os equipamentos para confecções alemãs e espanholas também estão ingressando lentamente no país, em função do custo. Este é um quadro de penúria para o resto do mundo produtor de roupas, tanto para si quanto para os mercados europeus.

Aqui reside em parte a base da dependência tanto de parte do hábito de se vestir quanto da tecnologia utilizada para se fazer a *moda*. Existem parcerias (joint-venture) entre grifes européias e americanas com os mais variados fabricantes de roupas em Londrina, Cianorte, por exemplo. Tais relações são de produções subcontratadas, onde as empresas estrangeiras condicionam a continuidade dos negócios mediante exigências de qualidade e padronização dos produtos. Uma outra forma de subordinação entre a criação e a produção, decorre da seguinte cadeia: desenho realizado na Itália ou nos USA, o tecido é cortado por máquinas informatizadas espanholas ou alemãs e a costura de alto padrão por máquinas de costura industriais japonesas. Este quadro representa, para os fabricantes brasileiros, duras conseqüências, as quais vão desde a carência generalizada de equipamentos adequados, exigidos mas não fabricados no país, à instabilidade que representa uma produção subcontratada. Trata-se de sujeições a fatores externos como, por exemplo, de políticas fiscal e cambial, as quais podem afetar a continuidade das relações comerciais entre os países envolvidos em tal parceria.

Uma outra constatação igualmente dolorosa: na ponta final deste processo está a operadora de máquina (nas fábricas ou nos domicílios) em substituição à artesã (a qual deixou de existir quando lhe foi retirada a função de criar ou idealizar modelos de roupa). As máquinas de costura mais modernas introduzidas no ramo de confecções reduziram ainda mais as possibilidades de incorporação de ganhos em tecnologia senão no produto final⁴.

O alto padrão de tecnologia sonhado para os demais ramos industriais é, praticamente, dispensável ou descartável para a indústria da confecção brasileira (com raras exceções), uma vez que a mesma não oferece avanços ou alterações que possam alterar significativamente a qualidade final do produto. O volume e qualificação da mão-de-obra utilizada por este ramo industrial são compatíveis com o padrão tecnológico utilizado.

As limitações na formação e qualificação da mão-de-obra neste ramo carregam uma herança histórica impressa numa antiga prática do "putting-out" na Inglaterra ou *verlag* na Alemanha do século XVI: qual seja a nossa contemporânea instituição denominada de *facção*, uma divisão técnica⁵ do trabalho realizado fora dos muros dos mais variados tipos de manufaturas, ou seja, tarefas encaminhadas para serem feitas fora da grande unidade fabril, e também fora do país. Agora mais refinada nessa fase da produção, na virada do século, efetuada por terceiros é mais excludente ainda, pois os controles artísticos e técnicos presentes no artesanato para produzir uma calça, camisa, blusa, vestido ou saia por inteiros foram desmontados para dar sustentação à produção em pequenos lotes, quando antes havia atendido à produção personalizada e, mais tarde, à produção em grande escala.

Para onde foram os antigos controles sobre a matéria-prima, meios de trabalho e sobre os produtos finais que de certa forma estavam sob o domínio da família artesã? Tais controles tiveram suas desarticulações de modo continuado pelo Capitalismo Comercial e pelo Capitalismo Industrial no Séc. XVIII. As Divisões Técnicas do Trabalho foram se refinando e combinando com as Divisões Sociais do Trabalho de tal modo que, na atualidade, a produção em massa de roupas prontas reduziu em muito o alcance dos trabalhos dos alfaiates e das costureiras (que

todos nós utilizávamos), mas de certa forma valorizados por clientes que procuram por serviços personalizados. Os processos de produção e trabalho no ramo da confecção sempre foram mais flexíveis que em outros ramos industriais, como na indústria têxtil, por exemplo.

Se a capacidade de fabricar roupas, para uma clientela variada e em grande volume, não está mais sob a decisão ou controle das costureiras artesãs, que processos de produção e de trabalho estão sendo adotados para produzir roupas, diferentemente, daquele destinado para o consumo personalizado? Há ainda algum impulso individual capaz de estimular a *produção fabril* para criar algum modelo de roupa de acordo com este ou àquele gosto individual. A importância dos desejos por este ou àquele modelo de roupa, com detalhes personalizados, quase se evaporou no processo de produção em grande escala e, mesmo sobrevivendo, não se aloja confortavelmente na produção em lotes. A maior certeza é que a artesã não desapareceu por completo.

Em realidade, a produção de roupas local, principalmente quanto aos enfrentamentos às mudanças ou alterações tecnológicas no ramo de Confecções, nos conduz tanto aos problemas de limitações de competência técnica quanto às exclusões dos vínculos de tais competências (trabalho em vez de emprego). Para tanto, pretendemos nos ater um pouco mais nas políticas de *trabalho e tecnologia* sob o comando de alguns órgãos públicos e privados, principalmente daqueles que tiveram e vêm produzindo importantes e efetivas alterações nas novas composições tecnológicas no ramo de Confecções. Ou seja, ficamos atentos para entender como a intensificação do *trabalho* no lugar do *emprego* representa um distanciamento de investimentos no preparo ou capacitação técnica mais profunda do corpo funcional disponível no mercado para o ramo de Confecções, considerando que estes avanços tecnológicos não são relevantes comparados, mais uma vez, com os ramos de fiação e têxtil.

2.1. Vertentes indefinidas entre o Capital e o trabalho: SENAI, ACIL, ADETEC e CODEL

Como a maior rede de formação de mão-de-obra profissional no Brasil criada em 1942, o SENAI⁶ (Serviço Nacional de Aprendizagem

Industrial) está hoje buscando uma reformulação dos seus conceitos e premissas advindos do padrão internacional de organização da indústria, que até então eram as responsáveis pela sua política de profissionalização da mão-de-obra no país. Sua base estava fincada inteiramente no paradigma fordista. O novo caminho não significa necessariamente uma tentativa de negação sistematizada e antecipada⁷ desse regime de acumulação capitalista, mas sim de correções de rumos na qualificação da mão-de-obra em decorrência de alteração de enfoques por empresas que estão se vendo na necessidade de mudar em parte a prática do *emprego* por *trabalho*. Tais necessidades em reorganizar a empresa no âmbito da flexibilização da sua mão-de-obra requerem suportes institucionais que respondessem teórica e metodologicamente por tais mudanças. As novas diretrizes deste órgão privado apontam para uma organização com características de centro de tecnologia⁸.

A produção flexível é a base das atuais reflexões e ações objetivas no SENAI. Conforme documento interno, é possível perceber o que poderá resultar em termos de novos rumos ou diretrizes do que se fazer com a mão-de-obra. A pedagogia da condução da preparação da mão-de-obra está em mudança e esta deverá decorrer de uma das mais importantes questões que se colocam hoje na economia: (...) *determinados empregos que estão desaparecendo em algumas indústrias ou em determinadas regiões, é o próprio emprego que está desaparecendo em todo o mundo (...) Entretanto, isto não significa que o trabalho desaparecerá. Há cada vez mais trabalho*⁹.

Conforme o referido documento¹⁰, cerca de ¼ das organizações empresariais no mundo já estão em processos de mudanças quanto ao modo de encarar as formas de organização do trabalho, ou seja, como elas estão estruturando os processos de trabalho estabelecidos sobre conceitos de empregos, seja relativo as suas equipes permanentes, sobre sub-contratações de trabalhadores autônomos e sub-contratação de outras empresas (trabalho domiciliar de tempo parcial). São respostas aos custos e à porosidade do trabalho (just-in-time)¹¹.

Mesmo os elementos principais do fordismo estando bem vivos, como podemos ler sobre exemplos de significativas fusões ou concentrações financeiras que vem ocorrendo

em toda parte do mundo e no Brasil. Por exemplo, muitas organizações privadas vêm procurando modernizar suas gestões, não necessariamente para reduzir a ociosidade interna, mas sim administrá-las da melhor forma possível, de modo a reduzir custos operacionais e racionalizar novos investimentos, estabelecendo a cada dia novos procedimentos administrativos para enfrentar as alternâncias de expansão e retração da economia mundial. A gestão da capacidade ociosa interna sempre foi um procedimento constante na Indústria de Confecção, principalmente pela sazonalidade do consumo de seus produtos. As indústrias da Confecção nos países centrais vêm praticando a externalização da mão-de-obra, na medida que estão procurando transferir parte da ociosidade interna para os mercados de mão-de-obra qualificada já pronta, onde quer que estes estejam disponíveis também com número capaz de garantir atendimento às demandas flutuantes: subcontratar uma quantidade específica de mão-de-obra para o tempo estritamente exato de suas necessidades.

Percebe-se aqui que há uma tendência nas diretrizes pedagógicas dirigidas para atividades educacionais vinculadas à formação profissional que dêem apoio a uma produção eminentemente flexível. O mesmo acontece com maior intensidade ainda no SEBRAE, cuja atuação se concentra principalmente nas atividades meio, onde atualmente a quebra de rigidez administrativa é outro componente empresarial que está sendo cada dia mais requisitado, não em função apenas de crises cíclicas na economia mas pelo fato de que a gestão das atividades meio pode ser reorganizada com certa rapidez e com significativa redução de custos. É bom lembramos que as pequenas empresas sempre puderam fazer isto porque as baixas taxas de composição orgânica de seu capital contemplam possibilidades desta natureza.

O ramo de Confecções local vem passando por recentes aperfeiçoamentos gerais, embora de um modo mais lento que os demais setores, o impedem também de atender ou promover sozinho um número significativo de qualificações da mão-de-obra¹². Aquisições de equipamentos mais sofisticados e próximos de novas exigências surgidas recentemente nas indústrias de confecções brasileiras, como por exemplo o CAD-CAM (Desenho Assistido por Computador aplicado à fabricação de moldes),

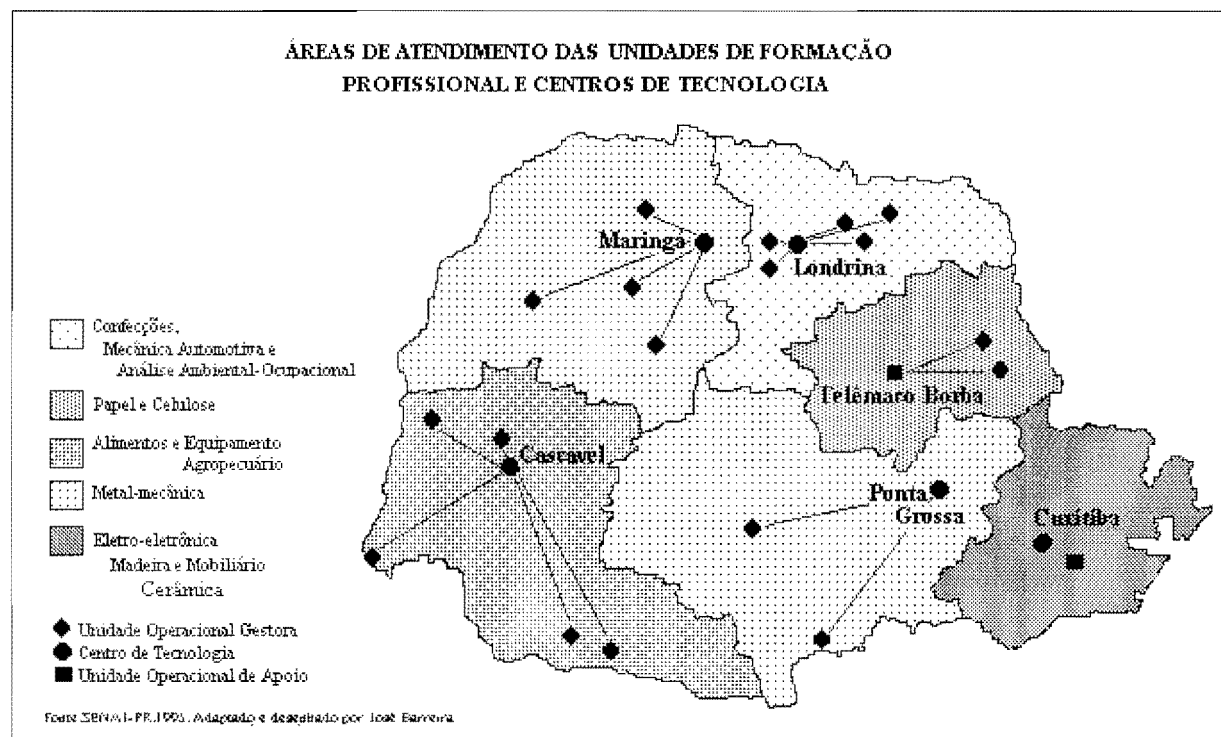
são restritas às grandes empresas que produzem também sob controle de grandes grifes, ou pelo menos, às empresas médias que podem pagar por um serviço desses prestados pelo SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Além deste equipamento já disponível neste órgão em Londrina, seu ensino profissionalizante envolve uma nova frente de aperfeiçoamento de currículos dirigidos para cursos que possam atender a expansão do ramo de confecções, mais claramente no estabelecimento de condições necessárias para tornar a região um *pólo tecnológico em confecção*, conforme vem sendo divulgado pela imprensa em Londrina.

Ao refazer o perfil de sua atuação local, o SENAI pode estar interpretando a manifestação de uma possível divisão espacial do trabalho com forte presença dos ramos têxtil e de confecção no Norte e Noroeste do estado (figura 1). As alterações de enfoque sobre as áreas de atuação estão se verificando em todas as suas unidades no Paraná e Brasil. Em Londrina o SENAI já está ampliando e aprofundando as especializações em face do seu novo papel, não mais local, mas sim regional de formação de mão-de-obra. A sua função enquanto *centro de formação profissional* está apontado pragmaticamente para a configuração de um Pólo de Tecnologia. Neste seu novo papel que, de certa forma, segue à clássica expressão tomada do senso político que é a "vocaçao regional", existe uma ação substantiva que corresponde em assistir técnica e tecnologicamente às indústrias de confecções local e regional, num patamar de tecnologia, de modo que possam introduzir vantagens numa baixa capacidade de competição, minimamente, interna.

Contudo é preciso lembrar que a *qualidade dos produtos voltados para o mercado local deve estar no mesmo nível que os oferecidos ao mercado internacional, uma vez que os produtos importados estão presentes em quase todas as cidades brasileiras. Por isto é preciso produzir com qualidade internacional para vender aqui mesmo em Londrina*¹³, conforme nos foi expresso numa entrevista.

Em que consiste os equipamentos informatizados como Desenho Assistido por Computador (CAD)¹⁴ na forma de produzir roupas do ponto de vista da qualidade final decorrente desta nova tecnologia? Quais os ganhos de competitividade que as pequenas fábricas de confecção adquirem?

Figura 1 – Formação profissional (2º grau) pelo SENAI do Paraná



A técnica da utilização de CAD¹⁵ envolve equipamentos de difícil acesso para a maioria das empresas do setor, por diversas razões que vão desde a não disponibilidade de um capital da ordem de US\$100mil (aproximados), ou para empresas cuja técnica é dispensável em face de relação qualidade/clientela tranqüila¹⁶ ou nos casos de empresas que alcançaram soluções técnicas internas que dispensam a mobilização imediata deste investimento de capital, sendo preferível recorrer a assistência tal como a oferecida pelo SENAI. No seu conjunto, o sistema oferece as seguintes possibilidades técnicas:

1. gerar e modificar moldes;
2. ajustar e criar arquivos de moldes;
3. ampliar e reduzir os modelos;
4. criar e editar moldes para encaixes posteriores;
5. analisar a grade e a largura do tecido;
6. produzir encaixes de modo a encontrar o melhor índice de aproveitamento do tecido;
7. imprimir e conferir os modelos nas escalas, coluna e encaixes e
8. acompanhamento técnico do sistema de corte nas empresas.

Gerar e modificar moldes mediante

procedimentos eletrônicos representam uma economia de tempo considerável para as Confecções que produzem modelos variados e precisam realizar combinações de cortes. Os cortes criados pela modelista podem ser melhorados, modificados ou retocados para alcançar melhor expressão estética. A forma eletrônica como são arquivados os desenhos representam não apenas redução de custos com papéis, mas também uma segurança aos originais, os quais podem ser recuperadas com rapidez para a linha de produção ou mesmo para uma desejada reprodução impressa (livros e revistas de moda) com maior fidelidade aos originais.

Outra técnica eletrônica, que aqui faz diferença em termos competitivos, é aquela que permite redimensionar os moldes para reproduzi-los em diversos tamanhos. A precisão das suas escalas possibilita uma reprodução uniforme dos modelos em quaisquer dos tamanhos requeridos pelo mercado de uma referida fábrica. Para uma produção voltada para clientelas específicas (adultos, por exemplo), várias possibilidades são postas para diversificá-la conforme o tamanho dos manequins. Esta técnica pode representar significativa redução de custos além das facilidades e segurança com

que os moldes podem ser recuperados no tamanho requerido em dado momento. O acompanhamento do processo de criação que se iniciou na fábrica também incorpora vantagens competitivas na medida que este procedimento contribui para reduzir a quase totalidade de desperdícios e, ao mesmo tempo, possibilita condições de melhorar a capacidade artística do modelo inicialmente criado.

Como os fios de tecidos seguem uma direção, os moldes da manga, frente, verso e colarinho – no caso de uma camisa; frente e costa de uma calça, ou ainda, a manga, costa e frente de camiseta precisam acompanhar de modo adequado a disposição dos fios, isto permite que as partes, após concluída a peça (camisa, calça, camiseta) tenha uma acomodação estética harmoniosa ao corpo. Um outro aspecto vantajoso deste recurso de desenvolvimento do trabalho é o que ele possibilita de precisão e economia: a forma com que os moldes são projetados nas peças de pano pode reduzir quase que totalmente as perdas que chegam a 20%, em média.

Acompanhamentos das mudanças econômicas, científicas e tecnológicas no ramo abrangem tanto a chegada de novas tecnologias para o país, como as transferências de tecnologias maduras das regiões mais industrializadas do país para as localidades do interior onde tanto empresários quanto o poder público estão buscando alternativas ou adequações de processos industriais para as atividades fabris como forma de superar não apenas os efeitos recessivos no campo, mas também de receitas tributárias tão escassas. Disto resultam enormes mobilizações de políticas públicas, privadas e mistas para reduzir a irregular distribuição espacial da infra-estrutura econômica, como o diminuto número de Centros de Pesquisas em Tecnologia e ausências de Pesquisa de Desenvolvimento nos setores privados, etc.. O SENAI já encara o papel de repassar tecnologias e técnicas a partir de desenvolvimento técnico-científico produzidos fora da instituição. As pretensões do Pólo de Tecnologia devem remetê-lo para desenvolvimentos tecnológicos a partir da experiência decorrente da relação SENAI-empresas, qual seja, um processo de incorporação de tecnologia por conta de repasse da mesma e não de desenvolvimento interno.

O segundo instrumento de apoio, embora

bastante distante dos trabalhos acadêmicos pela sua natureza pragmática enquanto organização voltada para os interesses de comerciantes e prestadores de serviços e agora também industriais o desempenhado pela ACIL (Associação Comercial e Industrial de Londrina). Este instrumento de apoio merece ser observado em seus novos papéis na atual fase de intensificação da competição entre empresas, as quais estão se reorganizando para tanto. Há pouco tempo vimos refletindo sobre as formas e os rumos que as manifestações dos empresários locais estão tomando como soluções das empresas fabris locais. Sempre houve certa inquietude diante de novos enfrentamentos, principalmente no campo em que menos tinham capacidade de alterar, como no caso de fatores macro e microeconômicos. Recentemente nos deparamos com a seguinte manifestação que ilustra bem uma inquietação:

A ACIL, nasceu há 58 anos – completados no dia 5 de junho – como resultado de uma necessidade iminente. Londrina, então um jovem e emergente centro Urbano, buscava na união dos empresários a força para garantir conquistas. O pensamento dos pioneiros é hoje o mesmo defendido e disseminado pela associação. O que mudou nesse tempo todo é o quadro de necessidade dessa união. Em outras palavras, Londrina cresceu muito ao longo dessas seis décadas, provocando a dispersão de seus líderes. É um processo ao mesmo tempo natural – a aglutinação por setores gera esse feito – e danoso, já que a força que estaria multiplicada acaba dissolvida. Essa tem sido a batalha da ACIL: reunir os empresários em torno de um objetivo comum que é garantir conquistas para Londrina. Isto não significa em momento algum, questionar as instituições setoriais ou validade das lideranças formadas em torno delas. Ao contrário, é reforçá-la ainda mais, através de um movimento de união multisetorial competente, eficiente, contundente e, acima de tudo, isento de qualquer outro interesse. Todas as iniciativas implementadas pela ACIL, desde julho do ano passado, têm essa proposta de base. São os cafés da manhã, são os almoços de líderes, são parcerias formadas para eventos conjuntos. Em tudo que a ACIL fez ou fizer,

haverá conceito de união. É disso que Londrina precisa, há muito tempo, e ainda mais agora. Francisco Negri Filho – Presidente da Associação Industrial e Comercial de Londrina.¹⁷ (sic)

Estas manifestações públicas estão apontando que a intensificação das atividades internas nas empresas – assim como um aprofundamento da divisão internacional do trabalho, que também atingiu a formação industrial local, separando inclusive interesses de grupos até do mesmo ramo local – o que propiciou o afastamento de muitos empresários das organizações como das associações comerciais e industriais. Com muita frequência, empresários nos relataram sobre a reduzida disponibilidade de tempo para participar mais efetivamente das reuniões em suas respectivas associações, mesmo considerando ser fundamentais para divulgar e incorporar novas informações, ou seja, tornar o *conhecimento algo produtivo* para o setor. No campo de gerenciamento das informações, no caso, sobre comportamentos e tendências de mercados estão disponíveis no SEBRAE e na ACIL. Isso ocorre também porque a maioria dos empresários entrevistados no ramo de confecções realiza múltiplas tarefas dentro das suas fábricas¹⁸.

O empresário de confecções conhece todos os detalhes da empresa: desde a compra de matéria-prima, processos de costura, legislação trabalhista, contabilidade, mercado e etc.. Essa maneira de conduzir os negócios está muito presente nas empresas familiares, as quais são as que mais encontram dificuldades impostas pelas necessidades das organizações de classes como forma de discutir soluções intersetoriais. Há bem pouco tempo é que a Associação Comercial e Industrial de Londrina voltou-se para empresários industriais, de modo a levá-los a compor numa organização que era puramente comercial, procurando com isto abrir o caminho imposto pelos obstáculos concorrenciais, os quais se antepunham às empresas fechadas em si mesmas e setORIZADAS. Parte das fábricas de confecções está hoje abrindo suas próprias lojas onde pode obter algum lucro que a fabricação não garante na proporção dos investimentos efetuados, conforme ouvimos no levantamento de campo.

Muitas vezes a prática de se conduzir os

negócios da empresa neste ramo pelo patriarca impede uma participação criadora e científica não apenas dos membros da família mas dos funcionários formados e capacitados para a administração moderna. Com muita frequência ouve-se: *eu toco meu negócio desse jeito, sem precisar de ciência e sempre ganhei dinheiro mesmo sem tecnologia moderna*¹⁹.

Um terceiro instrumento de incentivo à formação empresarial como comércio, serviços e indústrias, ou seja, voltado a expansão do setor privado utilizando parceria com os setores públicos mas com iniciativa e gerenciamento (figura 2) privado foi a criação da Associação do Desenvolvimento Tecnológico de Londrina (ADETEC), implantada em 1993 numa iniciativa do poder executivo municipal local. A sua inspiração está baseada no forte interesse em instalações de unidades industriais privadas em localidades que ainda possam estar apresentando algumas vantagens aglomerativas, principalmente no interior, nas chamadas *Tecnópolis* como Campinas, São Carlos, São José dos Campos (em São Paulo), Campina Grande (Paraíba), Santa Rita do Sapucaí (Minas Gerais) e Joinville (Santa Catarina).

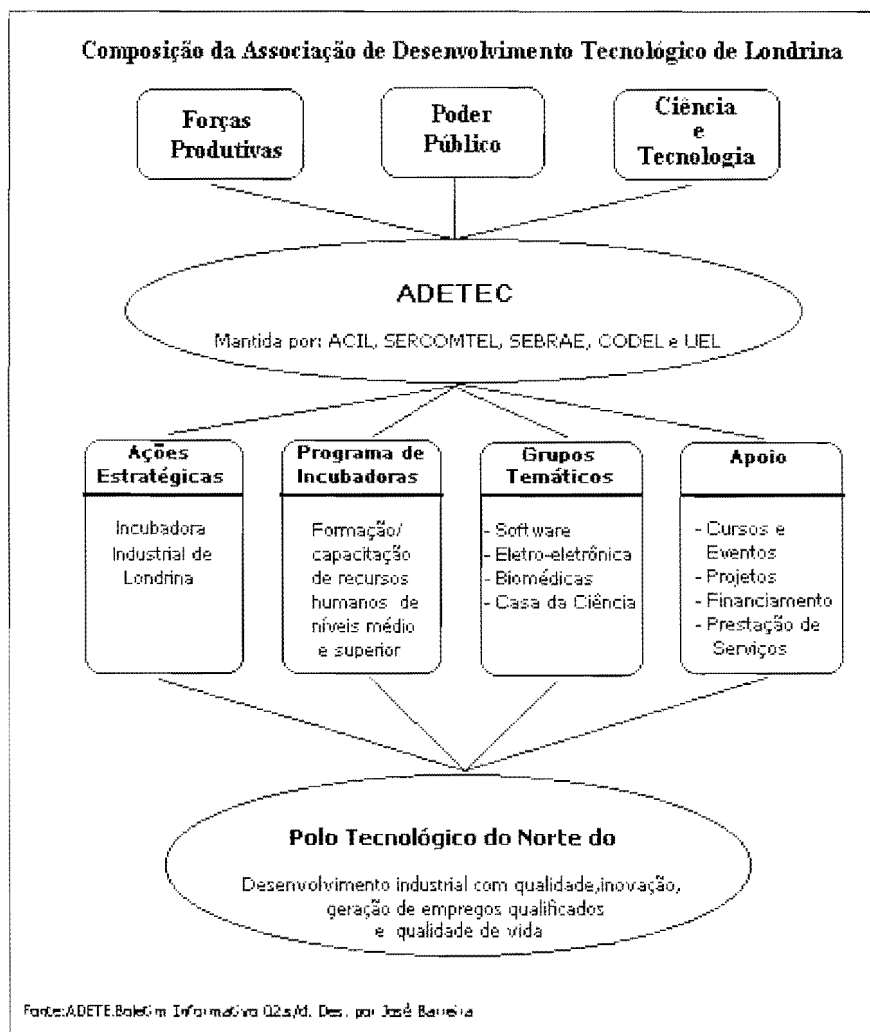
O quarto órgão de apoio, o Sindicato da Indústria de Vestuário do Paraná (SIVEPAR) não congrega hoje mais que 1/3 dos empresários do ramo de confecções, onde o afastamento é muito mais forte que no setor comercial e de serviços. Com isto mantém-se enfraquecido o seu poder reivindicatório ou de intervenção direta ou indiretamente voltado tanto para o estabelecimento de condições de formação de mão-de-obra e de promoção de ramos industriais complementares como têxtil local. É preciso considerar ainda a pulverização das unidades de confecção por todos os portes de centros urbanos, o que dificulta qualquer mobilização dos empresários. Mais recentemente o Sindicato do Vestuário do Paraná foi regionalizado, com unidades em Curitiba, Londrina, Maringá e outras cidades com presenças expressivas de indústrias de confecção.

Para o interior do país a competição é desleal em parte pela política de industrialização correr por conta de estímulos oficiais, uma vez que há pressões de setores industriais locais para se criar ou melhorar as ofertas urbanas (infra-estruturas) de modo que as mesmas sejam tomadas como referência para novos investidores.

Esta postura aponta para um processo de negação daquilo que é homogêneo: criação de singularidades que permitam tornar o município atrativo, como lugar privilegiado para novos investimentos, tanto

externos quanto provenientes da expansão da indústria local em funcionamento (fiação e têxtil em Londrina, por exemplo).

Figura 2 – ADETEC - Estrutura funcional



Conforme empresários entrevistados, é preciso que se coloque novo serviço urbano para o enfrentamento da concorrência internacional, a qual coloca grande parte dos fabricantes de roupas em situação ainda mais desigual, levando em conta àqueles que estão estabelecidos nos médios e grandes centros urbanos, os quais dispõem de vantagens oferecidas pela localização de fornecedores, indústrias complementares (fiação e têxtil) como Americana-SP; pólo tecnológico (Campinas-SP) bem como vias de grande tráfego como a Rodovia dos Bandeirantes e Via Anhanguera/SP, as quais possibilitam maiores vantagens no processo de desconcentração industrial.

Segundo o empresariado local, a localização de Londrina frente a este quadro desigual de distribuição de infra-estruturas requer um trabalho voltado para o marketing sobre a produção local, fato que vem ocorrendo pressionado pelo setor privado para ser posto em prática de forma cooperada com o público local. Em outros termos, a liderança industrial em Londrina vem procurando estabelecer para o município uma referência nacional, algo como a especialização industrial e qualidade do produto fabricado, como a produção de roupas, por exemplo²⁰.

Estamos procurando sustentar a hipótese da forte dependência do setor privado ao setor

público tanto como regulador quanto indutor de política industrial e urbana, dentro dos limites de sua competência legal e recursos financeiros. O fato do poder público local se mobilizar objetivamente diante de pressões setoriais para delimitar setores numa dada configuração espacial – como o programa de criação do Pólo Tecnológico de Londrina – revela as dificuldades tanto de formação quanto de manutenção das empresas no interior do país, principalmente, quando se trata de acesso ao progresso técnico. Basta observar isso nas articulações estabelecidas na política local voltada para tornar Londrina numa Tecnópolis.

Mais uma vez aqui é possível insistir na abstração das dificuldades interpostas para empresas locais revelada pela formação dos seguintes grupos de trabalhos temáticos: *Software, Eletro-eletrônica-Telecomunicações, Biomédicas, Vestuário e Casa da Ciência*. Empenho persistente na criação dos cursos de Engenharia Elétrica e Mestrado em Ciências da Computação na Universidade Estadual de Londrina também são apontados como um caminho para a tecnópolis, numa perspectiva de aliviar em parte as dificuldades de transferências tecnológicas para setores industriais emergentes em Londrina e região que se utilizam direta ou indiretamente das mesmas. O setor têxtil local e regional se interessa por essa mobilização.

Na referida política voltada para estabelecer um Pólo de Tecnologia local estão envolvidos órgãos empenhados tanto em *pesquisas básicas* quanto *aplicadas*, por órgãos locais como a EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná) com sede em Londrina e a UEL (Universidade Estadual de Londrina). Neste último onde está o ITEDES (Instituto de Tecnologia e Desenvolvimento Econômico e Social), os Departamentos de Artes, Química e Ciências de Alimentos. Outros órgãos locais também estão preparados para repassar tecnologias e serviços ao setor privado, tais como: SERCOMTEL (Serviço de Comunicações Telefônicas de Londrina), TELEPAR (Companhia Telefônica do Paraná), SENAI e SEBRAE. O projeto Pólo de Tecnologia compõe um processo complexo que poderá convergir para um tecnopólo com características próprias e sob condições históricas locais, passando ao largo de possíveis semelhanças com os casos de

Campinas, São José dos Campos (São Paulo) e outros centros. As condições históricas em que se deram grandes investimentos no território paulista pelos governos federal e estadual constituem uma das grandes diferenciações com a realidade do interior do Paraná, bem como por outras razões²¹ que cercam o atual papel de São Carlos (SP).

Consultores e analistas de mercado vêm apontando para que os empresários do ramo de Confecção no país escolham entre dois rumos: criar moda e produzi-la para competir em alto padrão ou copiar e produzi-las a custos mais baixos possíveis. O primeiro caminho, aqui o mais importante, é o da produção independente, com modelos e etiquetas próprias, e formas de distribuição e comercialização não apenas eficientes e sim eficazes para reduzir os altos custos provocados nas mudanças constantes de canais de distribuição, principalmente daqueles que já haviam consagrado seus produtos nos mercados.

Quando nos referimos ao *saber e poder* temos diversos pontos a considerar sobre as produções independentes. O primeiro deles é sobre a cultura empresarial impregnada do moderno que acompanha atentamente as técnicas *enlatadas*. Considerando que *na Itália os estilistas estão projetando moda para daqui a cinco anos a partir de estudos de comportamento social* (Remo Veronesi)²², a situação do caráter criativo em termos mais abrangentes no Brasil se apresenta como um quadro de muitas restrições. Uma delas porque a presença do padrão criativo externo tem um enorme peso “cultural”, além do que é acompanhado de um reforço fundamental, o marketing global, e por isso mesmo de menor custo para quem reproduz modas, considerando que elas já estão prontas. Salvo exceções, a produção de roupas sociais no país, como em todo lugar no mundo, tem se limitado a acompanhar uma moda que está pronta há mais tempo, com pouquíssimas variações. Restaria então a criação de modas para consumos sazonais e de clientelas receptivas às novidades concentradas em produtos para jovens ou para faixas de renda menores, ambas representadas por contingentes numerosos em quase todos os lugares – cujos elementos em comum são as roupas em tecidos de malha (camisetas, por exemplo) e de jeans (calça, saia, jaqueta).

Mesmo que o costume em grande escala as tenha tornado uma combinação esteticamente *perfeita* do ponto de vista da maioria dos seus consumidores, pode-se dizer que não são produzidas pelo mesmo segmento industrial. Isto revela como a importância na qualidade do produto final frente à competição separa as especializações que, na prática local, não são puras como se pode perceber no leque de 294 variedades de roupas produzidas nas 248

indústrias de confecções em Londrina (tabela 1), números crescentes mas ainda reduzidos em termos de constituição de um pólo de confecções uma vez que a sustentação complementar têxtil local e regional também é frágil. O ramo do vestuário local demonstra um considerável desequilíbrio em termos de participações, considerando o conjunto dos seus segmentos industriais complementares, como se pode observar na tabela 1.

Tabela 1 – Participação dos Segmentos no Valor Adicionado Bruto do Vestuário em Londrina (1993)

<i>Segmentos da Confecção</i>	<i>Valor Adicionado Bruto (US\$)</i>	<i>Participação no VAB (%)</i>	<i>Número de Empresas</i>	<i>Participação no total das Empresas (%)</i>
Confecção de roupas e agasalhos	96.309.153	99	248	88
Fabricação de calçados	975.271	1	12	4
Confecção de artefatos de tecidos	175.748	0	8	3
Confecção de acessórios profissionais e de segurança	137.064	0	2	1
Fabricação de chapéus	93.888	0	7	2
Fabricação de acessórios do vestuário	47.001	0	2	1
Tingimento, estamparia e acabamento em roupas	26.679	0	2	1
Totais	97.764.805	100%	282	100%

FONTE: Consulting, A. Plano de desenvolvimento industrial de Londrina. Livro 2. - Análise do setor têxtil.1995.

Esta observação não vale para o modelo industrial que se vem buscando para fortalecer a economia local. Ou seja, nenhuma política industrial segura poderá apostar num equilíbrio entre setores e ramos industriais, mas sim na sua diversificação. Determinismos históricos remanescentes respondem em parte pelas diversificações pontuais no mundo moderno (o papel dos lugares na fragmentação dos processos de produção). Em outros, termos, não se trata de conceber uma cidade que seja a expressão máxima tanto na indústria de sapatos quanto de roupas e chapéus. Vejam os exemplos das cidades especializadas em chapéus, calçados em geral e infantis; cidades dos bordados, das malhas, e assim por diante.

Além do mais, e em geral, as indústrias que produzem roupas de alta qualidade costumam trazer pouquíssimas diferenças estéticas nos seus produtos finais entre si. Do ponto de vista concorrencial este é um complicador a mais para uma determinada marca, porque a clientela pode

perder ou ficar sem uma referência sobre as vantagens entre uma e outra etiqueta, como é a principal preocupação da Levi's²³. A grife é um referencial importante para o consumo, mesmo que, necessariamente, não signifique o melhor produto.

A indústria do vestuário no Brasil não contava, até maio de 1996, com normas técnicas ou padronização para os modelos de roupas. Ou seja, as indústrias de confecções não podiam obedecer a medidas básicas tais como tórax/busto, colarinho e altura e comprimento usados pelas confecções brasileiras. Segundo a proprietária de uma confecção local, a padronagem vai *acabar com diferenças de preços gritantes entre os fabricantes, causadas pelo aproveitamento do tecido. Como os manequins são diferentes, alguns utilizam mais tecido que outros e por isso têm que vender seu produto mais caro.*²⁴ A norma²⁵ sobre a modelagem padrão entrará em vigor em agosto deste ano, com acompanhamento pelo INMETRO (Instituto Nacional de Pesos e

Medidas) que fiscaliza a precisão (centrimetragem) nas medidas das roupas, bem como o PROCON (Serviço de Proteção ao Consumidor), cujos resultados se traduzem em dois instrumentos de seleção que podem reduzir em muito a competição no ramo de confecções, por exemplo.

Poucos daqueles que criam localmente uma ou outra moda as fazem com muitas dificuldades, pois as qualificações de que dispõem para isto têm sido apenas a *intuição*, já que não contam com laboratórios de Pesquisa & Desenvolvimento. A formação de estilista no interior do país poderá até ser resgatada como uma requisição relativamente renovada, mas apenas entre as empresas independentes interessadas não em reproduzir moda mas sim produzir a sua moda. Para esse empresário, *produzir para grifes é o mesmo que vestir pavão alheio*²⁶.

Contudo, neste primeiro ponto, o que sentimos nas empresas entrevistadas foi que, em parte, a ausência da criação se deve à cultura empresarial da maioria dos empresários arraigados em tocar seus negócios de modo intuitivo²⁷, condição esta que não permite efetivamente considerar que as condições atuais de competitividade requerem novas compreensões, principalmente sobre os fatores de mercado que se ampliaram consideravelmente nos últimos anos, como por exemplo: *produzir para o mercado local hoje é o mesmo que produzir para mercado internacional – a concorrência internacional está aqui*. (E.H. fabricante de malharia e confecções). Nesse caso a aceitação do estilista teria de ser massiva, o que não ocorre, sendo utilizada bem mais por pequenos confeccionistas de roupas sociais e de gala.

O segundo ponto é quanto à visão e capacidade de financiar a modernização e as confecções em países como o Brasil, onde são muito restritas ou inexistentes as disponibilidades de recursos financeiros próprios suficientes para ser investidos em atividades meio com capacidade de promover alterações substantivas dos fatores externos que afetam os seus mercados. Como os lucros investidos em meios de comercialização ou em reduzido número de novas máquinas já esgotam a capacidade das empresas em superar as limitações internas, não têm sobrado quase nada para se fazer ainda mais diferentes e competentes em termos de competição, em outras palavras,

o máximo que poderá ocorrer é acompanhar a reboque o processo de modernização neste ramo, concentrando-se mais na moda que nos equipamentos propriamente dito.

O mesmo vem acontecendo com relação à capacidade de investimentos em pessoal, cujos valores são reconhecidamente desprezíveis na maioria das empresas do ramo. Considerando-se que as atividades de apoio externos à formação da mão-de-obra na indústria para a confecção local não atendem o número e nem a qualidade, nem mesmo a tarefa mais simples dentro de uma fábrica de roupas, o serviço de juntar peças com uma máquina de costura moderna é realizado tanto por costureiras já profissionais ou arrebanhadas tanto junto aos serviços domésticos quanto por bóias-frias do sexo masculino subtraídos das colheitas de cana-de-açúcar ou de trabalhos braçais. As dificuldades em qualificar a formação profissional na base deste ramo têm sido muitas, assim como nas especializações intermediárias para lidar com máquinas e equipamentos numa faixa de tecnologia mediana utilizada pela maioria das confecções brasileiras.

Em termos gerais, a capacidade criativa tem sido reduzida às condições mínimas na maior parte das empresas, mesmo entre as interessadas em realizar uma modernização substantiva, ou seja, ampla em todos os aspectos exigidos pelo setor, incluindo-se aí a relação capital-trabalho. As limitações mais severas disto partem de fora para dentro da empresa e mantêm *todos nós impotentes para realizar modernizações do nosso interesse (...)* dificuldades que atingem a todos. (dono de pequena confecção). O coletivo apontado significa que as mesmas dificuldades sentidas pela maioria das empresas do ramo de Confecções têm determinantes externas que são de ordem *institucional* (trabalhista, previdenciária, tributária, etc.) e *técnica*, em função da infra-estrutura reduzida para atender a expansão do ramo na formação de mão-de-obra em alto nível e, ainda, *tecnológica* quanto às aquisições de máquinas importadas a preços não subsidiados.

Empresas do ramo de Confecções de mesmo padrão quanto ao seu funcionamento, para atender as suas especializações, estão diante das mesmas determinantes macroeconômicas e, portanto, niveladas nos termos das mesmas soluções para modernizações impostas por limitações externas encaradas como problemas

internos, isto é, como pensa e vem se posicionando parte do empresariado do ramo frente a questões como: os *processos de produção* (integração, layout, controle de qualidade) e de *trabalho* (especialização das tarefas), *espaço* (escala de distribuição, homogeneização – diversificação) e ainda quanto ao *Estado* (regulamentações no comércio interno e externo, leis sobre o trabalho e previdência e as políticas nacional e regional e de pesquisa)²⁸.

A utilização da mão-de-obra intensiva, abundante e barata evidencia a relevância média que as tecnologias modernas exercem sobre a fabricação de roupas (exceto para melhorar a qualidade final das mesmas ou para produzir meias, roupas de cama, mesa e banho, produtos fabricados por indústrias de capital intensivo). O surgimento e a expansão do número de fábricas de confecções são tão expressivos quanto as suas taxas de mortalidade. Não importa o lugar e o porte das cidades.

As novas tecnologias baseadas na microeletrônica voltadas para modernizar a indústria de confecção, de um modo geral, apresentam enormes dificuldades de serem postas em prática por todo um corpo de funcionários constituídos por técnicos e costureiras ou operadoras de máquina industrial. Somados aos seus elevados preços e ainda à alta taxa de obsolescência dos mesmos, a sua adoção torna-se um instrumento de acesso muito restrito. A *habilidade* manual tem sido a base de sustentação deste ramo de modo geral. Contudo, face ao volume de costureiras tradicionais empregadas na fabricação mecanizada de roupa, a habilidade artesanal acabou se transformando em operação mecânica de máquinas de costura industriais: a sobrevivência de ambos os lados – capital e trabalho.

Todo um conjunto de órgãos (privados, públicos e mistos) estão hoje voltados para sustentar empreendimentos dessa natureza em vários pontos do Norte do Paraná. Em que pese à facilidade com que brotam as indústrias de confecção, a sua sustentação está longe disto. As interferências mais profundas que poderiam sustentar os negócios locais do ramo, por exemplo, não estão ao alcance de gestões públicas locais, estadual, nem mesmo da central, dependendo do alcance dos determinantes.

Estas considerações finais ainda nos remetem a aspectos de um outro objeto de reflexão sobre

a regionalização posta em prática em 1988, pelo SENAI do Paraná, há expectativas sobre uma possível espacialização do emprego de tecnologias específicas, sejam elas desenvolvidas para equipamentos ou serviços industriais, previstos na regionalização implantada em 1988. Por exemplo, o SENAI que implantou equipamentos de ensino técnico e preparou funcionários para treinar operadores de máquinas e empresários ligados à indústria da confecção, o mesmo poderá aprofundar, alterar ou reduzir tal ênfase e ainda voltar seus objetivos para outros ramos industriais emergentes.

Por fim, podemos dizer que, pelo estudo de campo e de informações encontradas na literatura específica, o ramo de confecções em Londrina não difere muito do resto do Brasil, seja em termos de suas possibilidades ou de dificuldades. Aqui nos deparamos com os seguintes pontos que podem traduzir as características do ramo de confecções, não apenas de Londrina:

1. as características dos tecidos utilizados pelas confecções dificultam o uso de equipamentos modernos: a variedade de tecidos com texturas diversas implicando num alto grau de maleabilidade dificulta todo um trabalho como o manuseio diante das máquinas, o que corresponde a 80% do tempo da produção das peças, um grande obstáculo para a introdução de equipamentos automatizados eletronicamente;
2. as inovações tecnológicas no ramo de confecções em termos de equipamentos são muito rápidas, com isto somente as que dispõem de grandes somas de capitais e que possuem mercados ou clientela exigentes é que poderiam adotá-las para melhorar seus produtos, tais como: cor, durabilidade, desenho e variedade com certa rapidez e
3. para a maior parte do mercado de roupas as operações manuseadas com habilidade são satisfatórias, o que de certa forma também acaba definindo o ramo como de uso de mão-de-obra intensiva, empregada e sub-contratada: o fundamental do ramo de confecções em Londrina. Este também é um fator que pode explicar a mundialização da produção de roupas para mercados exigentes como o Europeu e da América do Norte.

Este quadro que analisamos retrata um drama

sem limites. Precisa-se melhorar ainda mais a qualidade da roupa produzida em Londrina, mas isto confronta com uma mão-de-obra não plenamente qualificada para tal. Por outro lado, a mão-de-obra medianamente qualificada já dá conta de produzir roupas com aceitação no mercado externo, ao mesmo tempo em que não há lucros e nem recursos suficientes de financiamento para que a maioria dos fabricantes de roupas possa modernizar seu maquinário. Mesmo que fosse possível modernizar maciçamente o parque fabril, a mão-de-obra utilizada no processo de fabricação doméstica, opção mais barata para atender as flutuações de demanda, estaria alijada do mercado por uma série de especificações que lhes seriam exigidas, como já dissemos anteriormente.

A modernização no ramo da indústria da confecção, como é pretendida pelos teóricos da reengenharia de processos, carrega uma série enorme de contradições sobre as quais poderíamos nos alongar. Contudo, vamos nos ater às principais questões que mais nos interessam aqui no momento.

Uma modernização mais radical no ramo da confecção local não chegará a ser relevante para alterar a sua produtividade frente à concorrência internacional. Os preços das máquinas que realizam quase todos os serviços de costura e montagens das peças já são altos para a receita média das empresas do ramo no Brasil. Equipamentos e técnicas industriais modernas estão disponíveis nos USA, na Alemanha, na Itália e na França e, no entanto, as grandes grifes destes países sub-contratam produções no norte da África, na América Latina e no Sudeste Asiático, cuja mão-de-obra não qualificada (não especializada) e maquinaria modestas são expressivos.

O que estamos procurando sustentar neste trabalho é que a indústria da confecção, sem grande uso de avançadas tecnologias baseadas na micro-eletrônica do interior do Paraná, à semelhança de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio de Janeiro e outros estados, consegue produzir roupas de excelente qualidade – com aceitação de mercados refinados – a despeito de se utilizar mão-de-obra medianamente preparada. Em outros termos, diante destas comparadas vantagens dolorosas, estamos constatando dois movimentos conflitantes para a organização fabril voltada para a confecção:

- o processo de produção definindo os processos de trabalho e
- os processos de trabalho sustentando o primeiro.

Traduzindo, significa que, de um lado, a produção em lotes, em função da vida média da moda cada vez menor, bem como das flutuações constantes nesse mercado, sustentam uma mão-de-obra temporária (operadoras de máquinas fora das fábricas – nos domicílios) que realiza diversas tarefas na maioria dos casos, treinado enquanto realizam a produção das peças. De outro, estas últimas condições sustentam com vantagens o processo de produção vigente, não havendo razão para alterá-lo radicalmente naquilo que o fundamenta: a sua baixa composição orgânica de capital.

NOTAS

- ¹ Andersen Consulting (1995:livro III-2) – Relatório interno.
- ² Extraído do Programa Sessenta Minutos reproduzido no Brasil pela GNT na cadeia de TV a Cabo NET. A reportagem foi produzida nos EUA pela CBS para o Programa Sixteen Minutes.
- ³ Tanto no caso norte-americano como no argentino, o “trabalho escravo” envolve não apenas a forma de pagamento irrisório, mas jornada de trabalho longa (18 horas/dia) e péssimas condições de alojamento, os quais são cercados com arame farpado. Esta situação não é apenas irregular para o operário destas indústrias de confecção, mas também para a concorrência, na medida que isto se caracteriza como dumping social.
- ⁴ Ex-operários de uma fábrica de bonés em Apucarana (PR) estão construindo equipamentos utilizados na fabricação desse produto a partir de melhoramentos dos originais importados. Algo que não se pode realizar com máquinas de costura industrial modernas.
- ⁵ Na verdade, enquanto relações capital/trabalho trata-se de uma divisão social do trabalho.
- ⁶ A sua instalação em Londrina se deu em 1970
- ⁷ A preocupação atual do SENAI está se voltando para segmentos setoriais que estão buscando alternativas de gestão, principalmente para sustentar ramos industriais para tornar o processo de produção flexível.

- ⁸ Há dois fatos que aqui merecem comentários: primeiro quanto à transferência do centro de tecnologia voltado para a indústria de móveis de Campo Largo para Arapongas, onde se concentra o maior parque moveleiro do Paraná; o segundo é quanto à instalação programada de uma tecnologia voltada para beneficiamento do calcário em Ponta Grossa.
- ⁹ Relatório Interno do SENAI. Curitiba, 1966.s.p.
- ¹⁰ O que nos deve prender sempre a atenção nas reflexões internas no SENAI, SENAC, SESC e SEBRAE é tudo que se relaciona com estes órgãos vêm conceitual, teórica e metodologicamente o funcionamento da economia, e trabalham a modernização das organizações privadas e públicas.
- ¹¹ Relatório Interno do SENAI (op. cit.)
- ¹² ABREU (1986)
- ¹³ Farage Kouri, empresário de uma grande indústria de confecções, que produz diversos tipos de roupas também para grifes nacionais como C&A, Alternativa, Saint Lorenz, Guy La Roche. Entrevista em nov/94.
- ¹⁴ O sistema de Desenho Assistido por Computador (CAD) implantado no SENAI em Londrina pode atender indústrias de confecção, móveis e estofados. Tais possibilidades resultam da própria formação do seu corpo técnico, que se deu dentro destes ramos de indústrias em Londrina. Esta assistência também vale para treinamento operacional do sistema.
- ¹⁵ O conjunto de equipamento que compreende os Sistema CAD-CAM, comum no uso de Engenharia Civil, pode ser assim resumido: um PC (486) complementado por uma impressora convencional; teclado e pequena mesa de apontamento para entrada de dados e edição dos moldes; uma mesa digitalizadora e plotter para entrada e saída de desenhos dos moldes em tamanho real das peças.
- ¹⁶ “Tenho uma clientela satisfeita com o produto realizado com técnica comum. Por isto não vejo nenhuma razão para gastar com equipamentos novos”.(empresário de confecções segundo informações obtidas no SENAI).
- ¹⁷ Folha de Londrina, 13 jun.1995, p. 2.
- ¹⁸ Parte das empresas entrevistadas, mesmo com a participação de sócios, caracteriza-se como empresas familiares, com fortes resistências às influências externas à gestão.
- ¹⁹ Expressão comum com a qual o SENAI se depara em Londrina.
- ²⁰ A questão tecnológica desenvolvida pelas instituições de pesquisas de nível superior são um dos objetos da mesma.
- ²¹ LIMA, Marcelo A.A; SOUZA M.F. A criação de alta tecnologia a partir da universidade na cidade de São Carlos. In: TARTAGLIA, J.C; OLIVEIRA, O. L. (org.) Modernização e desenvolvimento no interior de São Paulo. São Paulo : Unesp, 1988, p121.
- ²² Imigrante italiano chegado no início dos anos 50 em Londrina onde se iniciou no ramo da Construção Civil e hoje reside em Roma. Tem um papel interlocutor no Programa de Joint-venture Paraná-Europa.
- ²³ Revista Exame. São Paulo. Editora Abril, ano 29, n6, 13 mar.1996, edição 605. p.82-83.
- ²⁴ Folha de Londrina, 12/07/96, Economia, p. 2.
- ²⁵ NBR 13377.
- ²⁶ Dono de uma grande malharia e confecções.
- ²⁷ Ver com mais detalhes BARREIRA (1996).
- ²⁸ HARVEY, David . Condição pós-moderna. São Paulo : Edições Loyola , 1992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. R. de P. *O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria da confecção*. São Paulo : Hucitec, 1986.
- BARREIRA, J. *Os Caminhos da Indústria de Confecção no País*: Londrina (Paraná). São Paulo: 1996. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIMA, Marcelo A.A.; SOUZA, M. F. A criação de alta tecnologia a partir da universidade na cidade de São Carlos. In: TARTAGLIA, J. C; OLIVEIRA, O. L (org.). *Modernização e desenvolvimento no interior de S.Paulo*. São Paulo : Unesp, 1988. p.121-126.